



Ano I Nº 333
21 de Julho de 2009

Índice

Carlos Grana enfatiza superação da crise	01
São Paulo contribui pouco para a criação de empregos	02
Greve na Vale Inco não acaba logo, diz sindicato	03
Ação conjunta pelos trabalhadores da Vale	03
Petrobras: por que o "paquiderme" incomoda ?	04
Chomsky: neoliberalismo é a raiz comum das crises	05

INTERNACIONAL

Carlos Grana enfatiza superação da crise

O **presidente da CNM/CUT** acredita que a crise está sendo superada, indicando que a pressão sindical e a ação pontual do governo reduzindo impostos impediram um impacto mais forte, com mais desemprego. Grana também enfatizou a ampliação do crédito



Grana indicou que a pressão sindical e a ação pontual do governo impediram um impacto mais forte

O pior da crise já passou, criando uma conjuntura mais favorável para a ação sindical. A avaliação é de três sindicalistas metalúrgicos, de diferentes regiões e setores, no programa Câmera Aberta na quarta-feira (15).

Participaram Carlos Grana, presidente da Confederação Nacional dos Metalúrgicos da CUT; Tadeu Moraes de Sousa, vice-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo e presidente do Dieese; e Edson Carlos Rocha da Silva, diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de Niterói-RJ.

No programa, com grande participação dos telespectadores, Grana considerou que a crise está sendo superada, indicando que a pressão sindical e a ação pontual do governo, reduzindo impostos, impediram um impacto mais forte, com mais desemprego. Grana também enfatizou a ampliação do crédito. "A redução do custo do dinheiro foi fundamental para o consumo e também para garantir investimentos", disse.

Segundo Tadeu, nenhuma empresa está mais procurando o Sindicato para acordos de redução de jornada e salário. Ele apontou que várias fábricas começam a contratar, repondo parte da mão-de-obra cortada no auge da crise.

Edson Carlos, de Niterói, contou que a injeção de recursos públicos no setor naval aumentou de 2.800 para cerca de 40 mil o nível de emprego no setor. Segundo o sindicalista, o setor naval vem se expandindo em várias regiões, especialmente na Amazônia, com a renovação da frota de barcos.

O Câmera Aberta é apresentado pelo jornalista João Franzin, ao vivo toda quarta-feira na TV Aberta São Paulo, com reprises nas TVs comunitárias das cidades de Guarulhos, São José dos Campos, São José do Rio Preto e Presidente Venceslau. A produção está a cargo de Dayane dos Santos e a direção é de Robson Gazzola. (TV Aberta, 17.07.2009)

São Paulo contribui pouco para a criação de empregos

Dados divulgados pelo Caged preocupam e chamaram a atenção do presidente do Sindicato, Sérgio Nobre.

O Estado de São Paulo contribuiu com apenas 23% para o total de empregos formais (carteira assinada) gerados no Brasil em junho. Segundo dados do Caged, órgão do Ministério do Trabalho, o saldo positivo foi de 119.495 postos de trabalho criados em todo o País no mês passado. Desse total, somente 27.602 em São Paulo - Estado que, historicamente, é responsável por quase metade das vagas formais de trabalho.



Para efeito de comparação, em janeiro de 2008, São Paulo foi responsável por 45% do total de postos de trabalho gerados em todo o Brasil e, em junho de 2008, por 33%, segundo levantamento da Subseção Dieese do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, com base em dados do Caged.

Minas Gerais, que gera menos postos de trabalho que São Paulo, superou o Estado paulista ao registrar saldo positivo de 45.596 postos de trabalho em junho deste ano; 17.994 a mais que São Paulo.

Situação melhora no ABC

O emprego teve queda menor na Região. Juntos, os sete municípios do ABC tiveram, em junho último, saldo negativo de 97 postos de trabalho considerando todos os setores. Em maio, foram -2.884 (negativos) e, em abril, - 611 (negativos).

O Caged ainda não disponibilizou os dados de empregos recortados por setor nos municípios, mas no metalúrgico, o saldo de emprego foi negativo no País - 8.438 postos de trabalho, sendo - 3.960 (negativos) desse total no Estado de São Paulo, equivalente a 47%.

O setor metalúrgico engloba quatro subsetores: metalurgia, mecânica, material elétrico e comunicações e material de transportes.

Sindicato

"O que nos preocupa e chama a atenção é que desses postos de trabalho gerados no País em junho, o Estado de São Paulo apreça apenas com 27 mil. Historicamente, São Paulo é responsável por quase metade dos empregos brasileiros. Esse dado nos chama a atenção ainda mais porque a indústria de transformação, onde está a tecnologia e os melhores empregos, tem sofrido maior impacto", analisa o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, Sérgio Nobre.

Segundo o dirigente, com um saldo negativo de 8 mil postos de trabalho em todo o País, o setor metalúrgico precisa de atenção especial e políticas específicas. "A manutenção da redução do IPI é medida importante do governo federal. Mas outra questão fundamental é o financiamento e o crédito, pois os juros continuam altos.. O crédito bancário ainda está muito caro, É preciso discutir o spread e retomar índices pré-crise".

Sérgio Nobre diz ter uma visão otimista. "O último pacote anunciado pelo governo federal é positivo. Atendeu bem o setor de ônibus e caminhões, muito impactado pela crise. A redução praticamente a zero dos juros para financiamento de caminhões (autônomos) vai movimentar o mercado de usados e novos e apontará para uma melhora do setor. Essas medidas vão surtir efeito nos próximos meses e a tendência é de recuperação no mercado interno. Mas uma parte importante do desenvolvimento do País dependia das exportações, que estão mais impactadas pela crise econômica mundial", avaliou o sindicalista. (*Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, 17.07.2009*)

Greve na Vale no Canadá está longe do fim, diz sindicato



A greve dos trabalhadores da Vale Inco - mineradora de níquel da multinacional brasileira no Canadá -, que entra hoje no décimo dia, está longe de um desfecho, segundo **Wayne Fraser, diretor do sindicato United Steelworkers**.

Em entrevista à Agência Estado, o sindicalista afirmou que a mineradora não atendeu ao pleito dos trabalhadores locais e a paralisação está mantida por tempo indeterminado.

Wayne Fraser, do United Steelworkers

A última reunião entre os representantes dos empregados e a empresa ocorreu três dias antes da votação que definiu a greve, nos dias 10 e 11 de julho. "Em nossa visão, a postura da companhia é egoísta e arrogante", disse. Segundo ele, os trabalhadores também não estão dispostos a ceder às pressões da empresa.

Já a direção da Vale Inco informou que está sempre aberta a negociar com os trabalhadores, mas disse que não pode negociar sozinha. Em nota, a subsidiária canadense da Vale disse que "não há muito a discutir" enquanto os empregados não perceberem que as mudanças propostas pela empresa são necessárias para que o negócio seja competitivo e sustentável em todos os ciclos de preço. "As necessidades do nosso negócio não mudaram simplesmente porque os trabalhadores optaram pela greve." As informações são do jornal O Estado de S. Paulo. (*Agência Estado, 21.07.2009*)

Ação conjunta pelos trabalhadores da Vale

CUT e USW (EUA) desenham ação conjunta em defesa dos direitos dos trabalhadores da Vale no Canadá e no Brasil

Na última sexta-feira, 17 de julho de 2009, o presidente da CUT, **Artur Henrique da Silva Santos** e **Leo Gerard**, presidente do sindicato dos siderúrgicos norte-americano **USW - United Steelworkers**, participaram de uma conferência telefônica e deram início a uma forte parceria estratégica para apoiar as negociações com a multinacional brasileira Vale. O principal alvo é a renovação dos acordos coletivos no Canadá e no Brasil.

Após meses de negociação entre a filial canadense da Vale e os companheiros daquele país, a empresa recusou-se a renovar cláusulas relativas ao modelo de fundo de aposentadoria e retirou outros benefícios que constavam dos acordos há mais de 20 anos, incluindo o bônus níquel. Por este motivo o acordo não pode ser aprovado e os trabalhadores entraram em greve no dia 13 de julho por tempo indeterminado. Os dois locais paralisados são Sudbury e Port Colborne, no Canadá, que abrangem cerca de 4.600 trabalhadores.

Os trabalhadores brasileiros organizados na **Rede Vale Brasil**, que são parte importante dos 142.473 trabalhadores da Vale em 35 países nos cinco continentes, estão extremamente interessados quanto ao destino da negociação no Canadá, já que seu resultado poderá ter reflexos imediatos na renovação do acordo coletivo no Brasil.

"Neste momento de crise financeira internacional há uma ferrenha luta entre o capital (Vale) e os trabalhadores que não querem, não podem e não precisam pagar por uma crise que eles não criaram", disse Artur durante a conferência telefônica.

Os sindicatos da Rede Vale Brasil ligados à CUT e demais sindicatos filiados a outras centrais esperam da Vale uma mudança de postura e retorno imediato às negociações no Canadá, com a apresentação de uma proposta aceitável para os trabalhadores.

"Uma multinacional que preza por sua imagem de empresa socialmente responsável, que tem em caixa US\$22 bilhões, que lucrou US\$13,2 bilhões em 2008, com seis executivos de alto escalão que ganharam US\$33 milhões em 2008 e que tiveram sua remuneração corrigida em 121% entre 2006 e 2008, não tem necessidade de arrochar os trabalhadores e suas comunidades", argumentou Artur.

Em apoio a essa luta a **CUT** e o **USW** estabeleceram um acordo de solidariedade e estão organizando uma Campanha Internacional Estratégica, que será lançada no 10º CONCUR com a presença de sindicalistas de vários países onde a Vale possui operações. Também decidiram por tornar as pressões públicas, incluir a luta dos trabalhadores da Vale no Dia Nacional de Lutas, em 14 de agosto de 2009 e promover atos de solidariedade no Brasil, Canadá e outros países. (*Agência CUT, 20.07.2009*)

Petrobras: por que o "paquiderme" incomoda a oposição?

Os artigos do Globo e a CPI da Petrobras têm o mesmo objetivo. Além de interesses eleitorais, visam a destruir a empresa vista por Sérgio Mota, ministro e amigo de FHC, "como um paquiderme que consumia US\$ 9 bilhões em importações, prejudicando a balança comercial e a sociedade brasileira".

Gilson Caroni Filho

Falta de seriedade e má-fé não costumam dar bons resultados em profissão alguma. Em jornalismo, a união das duas "qualidades" costuma ser fatal. Se, de um lado, agrada ao leitor militante, aquele para quem a informação serve apenas para reiterar sua visão de mundo biliosa, de outro, põe em xeque a existência da própria imprensa como principal instância de visibilidade da vida pública. A justeza dessas observações parecem não preocupar os editores de O Globo. Pelo menos, os de política e economia.

Em sua edição de quinta-feira, 16 de julho, no alto da página 3, encontramos um artigo que parece reforçar a tese de que a procura de isenção deve começar reunindo tudo o que houver de mais parcial, distorcido e tendencioso. A verdade, nas grandes redações, costuma estar escrita em código na mentira deslavada.

Intitulado "Ato falho", o pequeno editorial destila raiva e descontextualização. Serve puramente como pretexto para o jornalismo de campanha. Um vale-tudo que, ao contrário da luta que leva esse nome, não tem quaisquer impedimentos, sendo permitidas cotoveladas, cabeçadas e, principalmente, barrigadas. O objetivo primário é suprir a ausência de discurso organizado da oposição, animando o seu eleitor com critérios de análise baseados no denunciamento vazio.

Vamos ao texto do Globo: "Embalado pelo clima de comício que tem acompanhado suas incursões pelo país, Lula saiu em defesa da Petrobras, supostamente ameaçada de privatização." (...) Esse paquiderme agora é nosso". Pode ser simples menção ao slogan pela criação da estatal na década de 50- "o petróleo é nosso"- ou um ato falho derivativo do poder que sindicatos passaram a ter na empresa desde 2003. Por ironia, este aparelhamento é que significou uma privatização, só que em benefício de pequenos grupos de militantes sindicais e de partidos aliados ao Palácio"

No desdobramento do raciocínio do editor, o que há de plausível? O que vem a ser o "aparelhamento" que frequenta as páginas do jornal com a mesma assiduidade que as louvações ao mercado e das contumazes críticas à ineficiência do Estado? Se o termo se refere a loteamento, entre militantes do partido e políticos da base aliada, de cargos estratégicos na administração da Petrobras, seria interessante uma matéria dominical que demonstrasse a existência de fisiologismo no fato de funcionário de carreira de uma empresa estatal ter preferência partidária. E mais: que essa preferência atropela planos de carreira ou premie a incompetência.

Seria o caso de perguntar em que governo o Globo viu a administração pública ser ocupada por burocratas ideais weberianos? No de Fernando Henrique Cardoso que vendeu 36% das ações da Petrobrás, que pertenciam à União Federal, na bolsa de Nova Iorque, por cerca de US\$ 5 bilhões, sendo que hoje elas valem mais de 120 bilhões? A excelência administrativa consiste, como foi feito no governo tucano, em manipular a estrutura de preços dos derivados do petróleo em benefício das distribuidoras?

Uma empresa "não aparelhada" é aquela que descumpra acordo de aumento de salários e reprime o movimento de sindicalistas com forças do exército? A boa gestão é a que quebra o monopólio estatal do petróleo? O modelo ideal é aquele em que a Petrobrás descobria bacias de petróleo e o investimento era transferido para o exterior através dos criminosos leilões da ANP?

Os artigos do Globo e a CPI da Petrobrás têm o mesmo objetivo. Além de interesses eleitorais, visam a destruir a empresa vista por Sérgio Mota, ministro e amigo de FHC, "como um paquiderme que consumia US\$ 9 bilhões em importações, prejudicando a balança comercial e a sociedade brasileira". Segundo ele, caberia a David Zylbersztajn, então diretor da ANP, desmontar "osso por osso" a estatal. Essa é a missão que mobiliza quadros políticos do consórcio demo-tucano. Além da sobrevivência política, esse é o eixo das perorações de Arthur Virgílio, Álvaro Dias e Demóstenes Tôres, entre outros representantes da direita figadal. Não é por outro motivo que os jornais se empenham em investigar "irregularidades inadmissíveis."

O que está em jogo é o destino de uma empresa que hoje está em quarto lugar entre as 200 maiores do mundo. Some-se a isso um futuro marco regulatório que, segundo o presidente Lula, "irá balizar o setor e evitará que outros governos tentem "privatizar" o insumo e conceder sua exploração a empresas privadas" e surge a noção exata do paquiderme que incomoda o entreguismo.

Gilson Caroni Filho é professor de Sociologia das Faculdades Integradas Hélio Alonso (Facha), no Rio de Janeiro, colunista da Carta Maior e colaborador do Jornal do Brasil (*Carta Maior*, 16.07.2009)

Chomsky: neoliberalismo é a raiz comum das crises atuais

Lamenta que quase todos falem dos problemas financeiros e poucos se refiram à fome mundial. Por que não ocupar uma fábrica com a produção de transportes de massa? - questiona, em referência à General Motors.

Por David Brooks, no La Jornada

Quando se fala da "crise", quase todos se referem à financeira, visto que afeta diretamente os ricos, mas a crise dos mil milhões de seres humanos que passam fome - entre eles cerca de 40 milhões nos Estados Unidos - não é a que tem mais urgência, porque todos os que a sofrem são pobres, afirmou Noam Chomsky.



Com voz tranquila, Chomsky cuidadosamente destruiu os mitos do chamado mercado livre, e documentou de maneira sintética as muitas situações de crise - a econômica e a financeira, a do militarismo, a do ambiente e a alimentar, entre outras - e as suas ligações comuns, construindo uma radiografia de um sistema que se mascara de "democracia", mas cujo objetivo final é socializar os prejuízos e privatizar os lucros e defender o privilégio de uma cada vez mais reduzida minoria rica, com consequências cada vez mais sinistras para as maiorias e para o próprio planeta.

É necessário "desmontar o edifício de ilusões" que se vende como democracia de mercado livre para que o ser humano sobreviva, e para isso exige-se um confronto com o modelo que visa proteger os interesses da "minoria da opulência contra as maiorias", afirmou.

"O povo paga os custos"

Chomsky discursou na passada sexta-feira, perante cerca de 1.500 pessoas, do pódio da famosa igreja Riverside, o mesmo em que Martin Luther King Jr. proferiu o seu histórico discurso de 1967 contra a guerra do Vietnam e o sistema imperial dos Estados Unidos, onde também se escutou Nelson Mandela e, mais recentemente, Arundhati Roy - num evento organizado pelo Fórum Brecht, um centro de investigação independente de esquerda.

"As crises de hoje estão interligadas de diversas formas", afirmou, e algumas são mais prioritárias que outras, pela simples razão expressa por Adam Smith de que "os principais arquitetos das políticas garantem que os seus próprios interesses são os que predominam, sem se importarem com os custos".

E Chomsky, como sempre, deu exemplo atrás de exemplo, documentando a história. Falou sobre a história do Haiti, desde os franceses e a invasão dos E.U.A. de Woodrow Wilson, até à manipulação feita por Washington do desafio de Jean Bertrand Aristide, tanto pelo republicano George Bush (pai) como pelo democrata Bill Clinton, impondo o modelo neoliberal, com o resultado inevitável de "destruir a soberania econômica" deste país, que está agora nas linhas da frente da crise alimentar.

"Esta história é muito parecida em todo o mundo", acrescentou, apontando o Bangladesh e dezenas de exemplos mais.

A raiz comum das crises de hoje no Sul e no Norte é a mudança para o neoliberalismo que se dá nos anos setenta", declarou. Isto marcou o fim do crescimento sustentável da era do pós-guerra, conhecida como a "era dourada do capitalismo", com o seu Estado-providência e os seus aumentos a nível de rendimentos e de direitos, o que foi um "capitalismo de Estado capitalismo".

Hoje em dia, "o livre fluxo de capital cria um Senado virtual que realiza um referendo instantâneo que veta tentativas de beneficiar as maiorias à custa dos seus interesses". >

>>>> Chomsky: neoliberalismo é a raiz comum das crises atuais

Agora, com a atual crise que afeta os ricos, adota-se a mesma estratégia de sempre: "a população paga os prejuízos e assume o risco, enquanto os lucros são privatizados".

Do púlpito da igreja Riverside em Nova York, Noam Chomsky disse no fim-de-semana que perante as crises existentes, o sistema neoliberal protege as minorias abastadas em detrimento das maiorias

Também se focou no plano da política externa, dizendo que Washington não pretende abandonar tão rapidamente o Iraque, e advertiu que a nova abordagem sobre o Paquistão e o Afeganistão é um jogo muito perigoso, uma vez que ameaça a paz mundial e a sobrevivência humanas, por causa das armas nucleares aí existentes.

Acrescentou que é alarmante que um "assassino membro das forças especiais de olhos enlouquecidos", o general Stanley McChrystal, tenha sido nomeado comandante das forças norte-americanas no Afeganistão.

Por outro lado, assinalou que agora é o momento-chave para definir a sobrevivência humana perante a crise climática.

"Temos de enfrentar talvez o mais importante: a forma de inverter o modelo corporativo-estatal estabelecido durante o pós-guerra", promovido por empresas de automóveis, petrolíferas, entre outras, que levou a esta crise ambiental e outras.

Na sua análise das crises do mundo, disse que para impor políticas que não reflitam o interesse das maiorias nos Estados Unidos e noutros países, recorreu-se menos à força do que "ao controlo da opinião pública através da indústria de relações públicas, com o objetivo de criar consenso".

Mas impera sempre, desde os inícios desta república, a noção de proteger os "interesses da minoria abastada" contra todos os demais, com conceitos de que "uma minoria inteligente tem que governar uma maioria ignorante e intrometida". Agora isto é manejado por uma "elite tecnocrática", mas com a mesma doutrina.

Destacou a resistência popular para enfrentar o projeto da elite, e sublinhou que as rebeliões dos anos 60 "tiveram um efeito civilizador". Acrescentou que sempre se lançaram "ataques da elite contra a democracia" e que o modelo do mercado livre corporativo continua a ser o "obstáculo à eficiência e à tomada racional de decisões racionais".

"Não há nenhuma razão para permanecerem passivos", disse ele à sua audiência de esquerda. "Por que não ocupar uma fábrica (em referência aos cortes da General Motors) para a converter em centro de produção de transportes de massa? Não é uma questão exótica. Que os trabalhadores controlem as suas fábricas é tão tipicamente americano como a tarte de maçã.

Na verdade, acrescentou, parte do objetivo dos administradores do sistema atual é "apagar todas as memórias das lutas" sociais, mas advertiu que suspeita que estas tendências "continuam latentes" nos mais desfavorecidos e "podem ser despertadas". Este é um momento propício para o fazer".

A tarefa é superar o "déficit democrático", acrescentou, e "promover uma sociedade democrática, que funcione na realidade." Entre as chaves para o conseguir identificou a renovação dos sindicatos, a luta educativa e cultural e a necessidade de "desmantelar o edifício de ilusões" pela minoria que governa nas chamadas democracias formais.

A crise fundamental de hoje é, talvez, a do "déficit democrático", resumiu, esse fosso que existe entre os interesses das grandes maiorias e as políticas dos governantes. *(Tradução de Rui Maio) (Esquerda.net, 24.06.2009)*